

# Qualidade x Quantidade

A tarefa do Espiritismo é o esclarecimento espiritual.  
A mensagem deve ser divulgada ao público de várias maneiras.

**Rita Foelker**  
São Paulo – SP

Temos visto, muitas vezes, a preocupação do dirigente do centro espírita em manter a casa cheia, em atrair frequentadores. Amoldam-se reuniões ao gosto do público, distribui-se o passe como chamariz, e os números e estatística de atendimento costumam ser considerados indicadores de sucesso de um sistema de trabalho.

Falávamos, dia destes, a respeito da conveniência de que, simultaneamente a uma ou outra reunião, houvesse desenvolvimento de atividades para as crianças, para os filhos de participantes que não tem onde deixá-los durante o tempo em que lá permanecerem. Contra esta posição, ouvimos de evangelizadores a seguinte explicação: Muitos dirigentes achavam que o barulho e o movimento das crianças interferiam na reunião de adultos e afugentavam do trabalho, e que as pes-

soas que vinham para ouvir as palestras acabavam se irritando e não mais retornavam.

Eu me pergunto:

Será que o Espiritismo precisa destas pessoas? Será que estas pessoas precisam do Espiritismo?

Vamos imaginar a seguinte situação: minha vida está por um fio e só pode ser salva por uma planta muito rara. Esta planta está no meio de um espinheiro, no fundo de um buraco. Se eu sinto que preciso realmente dela, não importa onde tenha de ir, vou buscá-la. Agora, se acho que não preciso tanto, que não é tão grave, o que eu faço? Começo a achar que os espinhos são muito pontudos, que o buraco é muito fundo... Começo a achar pretextos. A terrível realidade é que ninguém faz alguma coisa, se não tem vontade. Agora, é papel do dirigente

espírita acomodar as coisas para que as pessoas não precisem procurar pretextos para se afastarem da casa? Ou é fazer o que lhe compete, com seriedade e consciência, deixando cada um a liberdade de ir e vir? Se Deus dá o livre-arbítrio, quem somos nós para tirá-lo?

É claro que, na medida do possível, o centro deve ser um lugar acolhedor, tanto no que se refere ao ambiente físico, quanto no que diz respeito às pessoas. E é lógico que é sempre melhor estudar ou conversar com Espíritos num local silencioso, e podemos estender este raciocínio a outras condições materiais do local.

Contudo, desde que alguém se aproxime do Espiritismo porque vê ali uma verdade libertadora, um conforto para seu coração, uma resposta para suas dúvidas, não é o burburinho das

salas ao lado, a cadeira dura ou as buzinhas lá fora que vão afastá-lo dele.

E se não é assim que se sente o frequentador da casa, para que retê-lo, para que segurá-lo ali? A cura e o alívio proporcionados pelo passe podem ser conseguidos de outro modo. A prece pode ser feita em qualquer lugar. Se não está ali interessado realmente em aprender, em melhorar-se com a ajuda da doutrina, que sentido tem sua permanência?

Não será por estarem cheio de pessoas assim, que não sabem o que querem em relação ao Espiritismo, que muitos trabalhos espíritas se perdem?

A tarefa do Espiritismo é o esclarecimento espiritual da Humanidade. Não é distribuir passes, arrebancar pessoas. Por que estimular um proselitismo que Kardec jamais ensinou? Aliás, no interesse dos estu-

dos e interesse dos estudos e para o bem da própria causa, Allan Kardec considerava preferível a multiplicação de pequenos grupos à constituição de grandes associações, conforme se lê em O Livro dos Médiuns (Cap. XXIX, item 334).

A mensagem do Espiritismo deve, sim ser divulgada, levada ao público de muitas maneiras.

Mas por que lotar o Centro Espírita de pessoas que apenas se agradam do passe, apreciaram o ambiente espiritual da casa, mas não se transformam, conservam suas viciações mentais e de comportamento, atravancando com suas idiosincrasias o cumprimento de objetivos muito mais importantes?

*Dirigente Espírita – Julho e Agosto de 1997*

# Democracia ou Ditadura

A administração do Centro Espírita nem sempre é diferente dos demais ambientes.

**Octávio Caúmo Serrano**  
São Paulo – S.P.

Sociólogos, analistas de comportamento e a própria sociedade, discutem na busca do regime ideal. O que se observa é que nenhuma das propostas para regular a convivência entre as pessoas tem dado resultado.

Temos a democracia, que se fundamenta na aplicação das decisões com base na vontade da maioria. Por este sistema, todos valem igualmente. A opinião de um medíocre ou de um jovem imaturo, tem o mesmo valor do voto dado pelo homem vivido, experiente. Isto tem massificado as pessoas e já houve quem afirmasse que toda a unanimidade é burra. Ela só serve quando se deseja a aprovação de favorecimentos onde a lisura, a decência e a dignidade não contam.

Temos também a ditadura, quando alguns mandam sem a opinião ou o direito da maioria tenham qualquer valor. Evidentemente, é um regime prático, dinâmico, porque não precisa da autorização de muitas pessoas sem capaci-

dade ou pouco práticas, para que as decisões sejam tomadas. Infelizmente, os ditadores, como os democratas, só pensam em si mesmos. Quando um homem tem na mão a soberania do mandato deveria melhorar a vida das pessoas. Mas eles só melhoram a deles. Esta é a razão porque nenhum regime de governo tem funcionado desde que o mundo é mundo. A falha não é dos regimes, mas dos poderosos que os manipulam.

Quando analisamos a administração da Casa Espírita, concluímos que não é diferente da maioria dos locais. Encontramos dirigentes democráticos e dirigentes ditadores. Nenhum dos dois é aconselhável, porque irão fracassar nas suas empreitadas.

Na Casa Espírita campeia a indisciplina e é comum, mais do que se pensa, um dos companheiros encarnados servir de veículo para desarmonia do grupo. Um dirigente que dá a todos a liberdade de ação e de expressão, em nome da democracia, corre o risco de por o

seu trabalho a perder se não tiver perspicácia para separar joio de trigo. Um trabalhador manso, servil, sempre pronto para ajudar em tudo, nem sempre é o colaborador ideal. O dirigente experiente saberá testar a boa vontade do fraterno amigo para verificar até que ponto pode contar com ele.

Se o dirigente for um ditador, via de regra aquele que absorve todo o trabalho e não delega com medo de perder a importância. A Casa terá deficiência porque ninguém pode fazer tudo isoladamente. É preciso formar equipe e preparar substitutos, porque as pessoas faltam, desertam, ficam doentes e até desencarnam, neste nosso planeta. E nem o Espiritismo nem o Centro podem morrer junto com elas.

O perfil do dirigente espírita deve ser o definido por Jesus: manso como a pomba e astuto como a serpente. Ninguém se iluda pensando que é fácil dirigir um Centro Espírita. Não é fácil dirigir nada. Mesmo quan-

do se tem uma Empresa e pagam-se justos salários estamos sujeitos a boicotes e traições. O Centro é habitado por humanos, iguais aos que vivem lá fora. Usamos o tratamento de irmãos, mas esquecemos que os irmãos são os que menos se entendem. Quem tem um, sabe disso. Com nervos a flor da pele, somos egoístas, melindrosos, vaidosos, materialistas e que não gostamos de ser contrariados. Temos de estar em evidência e se damos a nossa colaboração à Doutrina, segundo afirmativa habitual, ela deve aceitar-nos tal como somos.

O dirigente do Centro Espírita deve ser um democrata-ditador-socialista-cristão-positivista. Não pode modificar as orientações a cada palpite, mas não deve ser inflexível. Tem de aceitar sugestões, que irá analisar e discutir com outros colaboradores, porque o mundo se moderniza numa velocidade impossível de acompanhar. Embora nem tudo que existe na rua deva ser levado para o Centro,

há avanços científicos, e tecnológicos que dinamizam as atividades da casa espírita. Hoje o computador, o vídeo, o projetor são valiosos, auxiliares nas palestras doutrinárias. Há dez anos iriam dizer que estávamos transformando o Centro num cineminha.

Meu amigo dirigente. Deus abençoe o seu fardo. Carregue-o com amor e não se impressione com os comentários, porque eles sempre existirão. Para cada vinte e dois jogadores, há milhares de palpites que sabem o melhor o que devia ser feito. Para casa técnico, há na assistência uma multidão escalando e substituindo do que o responsável. Isto porque a tarefa não é deles. Poucos têm a coragem de fazer, mas é normal a multidão criticar o trabalho, irracionalmente.

Vá em frente, use o bom senso, e Jesus o conduzirá para que faça o melhor.

*Dirigente Espírita Junho e Agosto de 1997*